

Wellington Ricardo Amaral Barros

# A RELAÇÃO FELICIDADE E VERDADE NA FILOSOFIA DE AGOSTINHO

Monografia de Bacharelado em Filosofia

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Claudia Maria Rocha de Oliveira

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2023

Wellington Ricardo Amaral Barros

## A RELAÇÃO FELICIDADE E VERDADE NA FILOSOFIA DE AGOSTINHO

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Claudia M. Rocha de Oliveira

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2023

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela minha saúde, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso e da minha caminhada enquanto vida religiosa. A minha orientadora Prof. Dr<sup>a</sup>. Claudia Maria Rocha de Oliveira por aceitar esse desafio junto comigo, aos meus amigos em especial, Gutemberg Ribeiro, Harisson Bonfante, Ir. Genildo Guarino, Jefferson Ferreira, Pe. Júnior Moreira e o William Francisco, por nunca terem me soltado a minha mão e por terem sempre acreditado em mim, me dando aquele apoio seja por meio de orações e forças enquanto me dedicava a realização deste trabalho, minha eterna gratidão.

“É justo que muito custe, o que muito vale” (Santa Teresa de Jesus)

## RESUMO

O presente trabalho monográfico versa a relação felicidade e verdade na filosofia de Santo Agostinho. Objetiva compreender como Agostinho relaciona a felicidade com a verdade. Para alcançar essa finalidade tomou-se como base a obra *De Beata Vita* (Sobre a Vida Feliz), caracterizado por um diálogo em que Agostinho juntamente com seus amigos resolvem argumentar sobre a questão da felicidade. Este trabalho foi dividido em três capítulos: no primeiro capítulo, procuramos mostrar como o itinerário intelectual e pessoal de Agostinho reflete uma busca pela felicidade e procuramos ainda, examinar a origem neoplatônica dessa noção de felicidade na obra de Agostinho; no segundo capítulo, aprofundamos a concepção de felicidade em Agostinho a partir do texto *Sobre a Vida Feliz*; e no terceiro capítulo, procuramos relacionar a felicidade com a verdade. Concluímos que Agostinho não só idealizou um caminho em busca da felicidade, mas experimentou-o ao longo de sua vida. Agostinho permitiu-se interpelar, questionar em busca do sentido para a sua existência e só repousou quando encontrou Deus na interioridade do seu ser.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade. Agostinho. Filosofia Medieval. Vida Feliz. Sumo Bem.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>1 ITINERÁRIO PESSOAL E FILOSÓFICO DE AGOSTINHO</b> .....	<b>8</b>
<b>1.1 A conversão intelectual</b> .....	<b>9</b>
<b>1.2 A felicidade no neoplatonismo plotiniano</b> .....	<b>11</b>
<b>1.3 Conversão espiritual</b> .....	<b>12</b>
<b>2 A FELICIDADE NA OBRA <i>DE BEATA VITA</i></b> .....	<b>15</b>
<b>2.1 <i>De Beata Vita</i> em diálogo</b> .....	<b>15</b>
<b>2.2 A procura da vida feliz</b> .....	<b>18</b>
<b>2.3 A alegoria da “navegação”</b> .....	<b>20</b>
<b>3 FELICIDADE E VERDADE EM AGOSTINIANO</b> .....	<b>24</b>
<b>3.1 O que é a verdade</b> .....	<b>24</b>
<b>3.2 Deus como verdade eterna</b> .....	<b>27</b>
<b>3.3 A felicidade e a busca da verdade</b> .....	<b>29</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

A busca pela felicidade é uma questão inerente ao ser humano e vem sendo discutida desde a Antiguidade por diversos filósofos e estudiosos. A terminologia felicidade deriva do latim *felicitas* e pode ser compreendida como um estado de satisfação plena e global de todas as tendências humanas. Dentre as concepções acerca da felicidade, tecidas por pensadores ao longo da história, algumas ganharam relevo, a saber: "Uma vida feliz é impossível sem a sabedoria, a honestidade e a justiça, e estas, por sua vez, são inseparáveis de uma vida feliz" (Epicuro); "Ser feliz é necessariamente o desejo de todo ser racional, mas finito; portanto, é inevitavelmente um princípio determinante de sua faculdade de desejar" (Kant); "Para sermos felizes, precisamos pensar na felicidade do outro" (Bachelard), entre outros.

Diante desse contexto, sabendo-se desse interesse humano em busca de uma vida feliz e da relevância dessa temática para a Filosofia, objetiva-se com esse trabalho monográfico abordar a relação felicidade e verdade na concepção agostiniana.

Na Idade Média, a Filosofia estava voltada sobremaneira para o conhecimento de Deus, da mesma forma a noção de felicidade. Santo Agostinho falou da felicidade como o fim da sabedoria; a felicidade é a posse do verdadeiro absoluto e, em última análise, a posse (*fruitio*) de Deus. Todas as demais felicidades são subordinadas a ela. Na contemporaneidade, a noção de felicidade está atrelada à outras questões e não ao conhecimento divino.

Mas, como supracitado, a intenção dessa investigação é compreender a relação felicidade e verdade na concepção agostiniana. Nascido em 354 d. C., na cidade de Tagaste, norte da África, atualmente Souk-Ahras, na Argélia, Aurélio Agostinho é um dos mais importantes autores considerados cristãos que se utilizam da tradição platônica no surgimento da filosofia cristã, sendo um dos principais responsáveis pela síntese entre o pensamento filosófico medieval e o cristianismo. Porém, nem sempre foi cristão e viveu uma vida desregrada cheia de vícios e pecados. Agostinho era filho de Patrício (um pagão que antes de sua morte se converteu ao cristianismo) com Mônica (uma cristã que muito se dedicou a oração para a conversão de seu esposo e de seu filho mais velho Agostinho). Estudou em Cartago, e depois em Roma e Milão, tendo sido professor de retórica. Porém, também estudou Música, Física, Matemática e Filosofia. Teve um filho, fruto de um romance com uma cartaginense.

Em 386, Agostinho reconverteu-se ao cristianismo, após ter passado pelo maniqueísmo e pelo ceticismo. Em 388, regressou à África, fundando uma comunidade religiosa. Sto. Agostinho sofreu grande influência do pensamento grego, sobretudo da tradição platônica, através da escola de Alexandria e do neoplatonismo, com sua interpretação espiritualista de

Platão. Sua filosofia tem como preocupação central a relação entre a fé e a razão, mostrando que sem a fé a razão é incapaz de promover a salvação do ser humano e de trazer-lhe felicidade. A razão funciona assim como auxiliar da fé, permitindo esclarecer, tornar inteligível, aquilo que a fé revela de forma intuitiva. Faleceu em 430, deixando um legado para a Filosofia, principalmente no pensamento cristão ocidental. Esse legado ultrapassou as diversas áreas de pensamento na história da filosofia, passando pelo período medieval, moderno e contemporâneo e auxiliando na reflexão das complexas questões de nosso tempo.

Com o intuito de aguçar essa investigação, a monografia abordará a obra “Diálogos sobre a Felicidade” de Santo Agostinho. A questão-problema que sugere essa pesquisa versa: “De que maneira Agostinho relaciona a felicidade com a verdade?”. Pode-se dizer que o objetivo central dessa monografia foi o de compreender a relação felicidade e verdade na obra agostiniana. Sendo assim, este trabalho foi dividido em três capítulos, a saber: 1) no primeiro capítulo, procuramos mostrar como o itinerário intelectual e pessoal de Agostinho reflete uma busca pela felicidade e procuramos ainda, examinar a origem neoplatônica dessa noção de felicidade na obra de Agostinho; 2) no segundo capítulo, aprofundamos a concepção de felicidade em Agostinho a partir do texto *Sobre a Vida Feliz*; 3) e no terceiro capítulo, procuramos relacionar a felicidade com a verdade.

Como veremos, para Agostinho, a felicidade não consiste na posse ou no gozo de qualquer bem-criado, mas na posse ou gozo do bem absoluto e perfeito. Este somente encontrado em Deus. Ou seja, ele propõe a felicidade a partir da percepção da "posse de Deus", da sabedoria divina e da justa medida.

## 1 ITINERÁRIO PESSOAL E FILOSÓFICO DE AGOSTINHO

O tema desse trabalho monográfico versa sobre a compreensão de felicidade desenvolvida por Santo Agostinho e sua relação com a questão da verdade. A felicidade é uma temática que norteia não só a vida de Agostinho, mas a sua existência humana. A busca por uma vida feliz orienta as escolhas do ser humano e o faz acreditar na realização de seus projetos. Ser feliz parece ser a condição mais desejada de todo ser e a procura pela felicidade remete a um caminho que é realizado mediante as escolhas diárias que cada homem e cada mulher se propõem a fazer.

A felicidade é, pois, um tema de interesse filosófico por se tratar de uma condição inerente à vida. É fator que se compreende mediante ao existir humano e pode ser compreendido enquanto busca para se alcançar a plenitude da realização pessoal, em quaisquer aspectos do ser (pessoal, profissional, social, econômico, acadêmico, etc). É por essa vertente que Santo Agostinho discorre acerca da felicidade, enquanto fim a ser alcançado e sinônimo de vida feliz.

Insaciável pela busca da verdade que lhe conduziria a uma vida feliz, Santo Agostinho faz diversas experiências que certamente muito lhe servirão como estímulo e aprendizado. Primeiro junto aos maniqueus, depois bebendo da fonte platônica, e logo em seguida, convertido ao cristianismo. Antes de definir o que Santo Agostinho compreende por felicidade e de mostrar a relação estabelecida por ele entre felicidade e verdade, propomos neste capítulo examinar de que maneira o próprio itinerário existencial de Santo Agostinho se constitui como percurso que assume como *telos* a vida feliz. Também será necessário investigar de que modo o neoplatonismo influenciou Agostinho na sua busca pela felicidade.

Agostinho cresceu como um menino compassivo, inquieto por competir. Ele buscava o sucesso e evitava ser envergonhado, e sempre teve pavor de ser humilhado ou de apanhar na escola. Teve uma juventude perturbada, quer intelectualmente, quer espiritualmente; converteu-se à fé e foi batizado.

Na caminhada de Agostinho, foram fundamentais três personagens: a mãe Mônica, as cartas de São Paulo e Ambrósio. Com este último, Agostinho teria aprendido como utilizar a Bíblia de forma correta para melhor compreender o chamado de Deus. A bíblia se tornou leitura obrigatória de Agostinho depois da sua suposta visão e abandono da vida mundana que seria trocada pelo amor a Jesus Cristo.

Neste capítulo, procuraremos mostrar dois pontos marcantes para o Bispo de Hipona: a conversão intelectual e a conversão espiritual. Tratar do movimento de conversão de Agostinho é fundamental para compreendermos a busca do religioso por uma vida feliz, autêntica e



verdadeira. Em seguida, na terceira parte do capítulo, examinaremos a influência neoplatônica na concepção agostiniana de felicidade.

### 1.1 A conversão intelectual

Agostinho tinha um espírito inquieto. Seduzido pela elegância do estilo ciceroniano, recusava a ler a Bíblia oferecida por sua mãe. Argumentava que as Sagradas Escrituras lhe pareciam vulgares e indignas de um homem culto. Ele se encantara com o, hoje perdido, diálogo clássico de Cícero (106-43 a.C.), cujo nome era Hortensius e que lhe abriu a porta do saber.

Antes de se interessar pelas questões intelectuais e espirituais, sua atenção se voltava para a vida mundana e tinha outros projetos de vida, diferentes da vida consagrada. Almejava ser um advogado, mestre na retórica. Chegou a ter uma ligação amorosa inteiramente fiel a uma mulher. Teve um filho, Adeodato, falecido em plena juventude. Antes de seus vinte anos, o seu pai, que se chamava Patrício, faleceu. Vendo-se com o peso de ser chefe de duas famílias, voltou para Tagaste e abriu uma escola, e, em seguida, se transferiu para Cartago com o propósito de ocupar o cargo de professor da cadeira municipal de retórica. Agostinho tinha uma retórica invejável!

Porém, os alunos daquela instituição faziam os cursos apenas por obrigações familiares e sociais e, conseqüentemente, não se interessavam muito pelas aulas. Já cansado e irritado com aquela juventude turbulenta, depois de quase dez anos, Agostinho resolveu se mudar para Roma.

Vós me impelistes a tomar a resolução de partir para Roma e de preferir lecionar aí o que mais ensinava em Cartago. Não deixarei de confessar o motivo desta minha determinação, pois que em tudo isto se devem reconhecer e celebrar os vossos profundíssimos segredos e a vossa misericórdia sempre tão vizinha de nós (AGOSTINHO, 2015, p. 115).

Antes da viagem deixou-se, entretanto, seduzir pelas doutrinas maniqueístas. O maniqueísmo pregava uma explicação estritamente racional do mundo, de justificar a existência do mal e de conduzir finalmente seus discípulos à fé unicamente por meio da razão (COSTA, 1999). Agostinho estava à procura da verdade em parceria com a intelectualidade e a palavra verdade chamou a atenção dele, seduzindo-o. A doutrina dos maniqueístas, uma pequena seita de reputação, afirmava a existência absoluta de dois princípios: o bem e o mal; a luz e as trevas. Ele viu nela uma resposta para suas inquietações. “Falarei, na presença de meu Deus, do ano vigésimo nono da minha idade. Já tinha vindo de Cartago o bispo dos maniqueístas, chamado

Fausto, grande laço do demônio, pois seduzia a muitos por meio da melíflua eloquente” (AGOSTINHO, 2015, p. 115).

Observando o diálogo dos maniqueístas, sua doutrina e explicações para princípios ontológicos e cósmicos, Agostinho não conseguiu suprir suas dúvidas e questionamentos e resolvera abandonar o maniqueísmo. Após uma conversa com Fausto, o bispo dos maniqueístas, Agostinho teria ficado decepcionado com tamanho despreparo, sobretudo no que se refere à leitura dos clássicos e a verdade acerca de questões existenciais. Criou tanta expectativa nesse encontro com o bispo Fausto que acabou se frustrando, saindo com a impressão que possuía mais conhecimento do que o próprio bispo. Comenta o próprio Agostinho:

Descobri logo que ele nada entendia das disciplinas liberais, com exceção da gramática, da qual conhecia apenas o corriqueiro. Tinha lido alguns discursos de Cícero, pouquíssimas obras de Sêneca, algumas obras de poetas, e umas poucas, de seus correligionários, **escribas** em latim mais cuidado (AGOSTINHO, Confissões, V, 6, 11).

Pouco tempo depois daquela decepção, Agostinho viajou para Roma, tendo sua alma e seu corpo inquieto, sendo que sua alma continuava a sofrer, desesperada por alcançar a verdade. Essa sua viagem tinha intenção e esperança de encontrar mais conhecimento e alunos mais interessados, maiores lucros e consideração. A ida de Agostinho para Roma lhe rendeu a oportunidade de ocupar um cargo de professor de retórica.

No entanto, essa nova experiência como professor logo o decepcionou, pois, apesar dos alunos demonstrarem um desempenho superior e uma disciplina exemplar, nutriam o mau hábito de não pagarem os professores, como relata o próprio Agostinho:

Em Roma, comecei diligentemente a ocupar-me com a tarefa para a qual tinha vindo, isto é, o ensino da retórica [...]. Mas, eis que sou informado de que em Roma estavam em praxe alguns procedimentos que eu não tolerava na África [...]. Informaram-me que os alunos conspiram e passam, em grande número, de um professor para outro, a fim de não pagarem aos mestres (AGOSTINHO, Confissões, V, 12, 22).

Agostinho, portanto, passou por momentos difíceis em Roma, só não piores porque lá encontrou seu amigo Alípio, um magistrado que havia se mudado para Roma algum tempo antes de Agostinho. Ciente da situação do seu amigo, o juiz costumava o ajudar financeiramente.

Todo esse contexto para dizer o quanto o bispo de Hipona caminhou em busca da felicidade verdadeira. Em meio a todas essas circunstâncias, as questões da existência humana

eram latentes em seu interior e a busca por respostas incessante. O que Agostinho desejava era mais profundo do que os prazeres que lhes eram apresentados enquanto sinônimos de felicidade.

Mas, o que Agostinho compreendia por felicidade? Como sabemos, vários filósofos procuraram refletir sobre a questão da felicidade. Definida como beatitude, a felicidade como veremos é um conceito importante para Agostinho. A sua busca está intimamente articulada com a busca pela verdade. Antes, no entanto, de explicitar o que Agostinho compreende por felicidade e de examinar de qual maneira ele relaciona a felicidade com a verdade, é importante ter presente que, em seus estudos, Agostinho fora influenciado pela concepção plotiniana de felicidade. Dessa forma, faz-se pertinente abordar a compreensão de felicidade sob a influência do neoplatonismo. Em virtude dos pressupostos da filosofia grega, trataremos de alguns aspectos a respeito das origens da problemática acerca da felicidade, concentrando-se na filosofia de Plotino enquanto influenciador do pensamento agostiniano.

## **1.2 A felicidade no neoplatonismo plotiniano**

O *neoplatonismo* foi uma corrente filosófica que se alastrou entre o século III e IV. Tal vertente aglutinava várias doutrinas e pensamentos diferentes, entretanto conservava a filosofia platônica como sua fonte de inspiração. Além de ser uma corrente filosófica, o neoplatonismo também foi identificado como uma seita. Diversos grupos neoplatonistas misturavam as ideias ao misticismo e a religião, relacionando-as também com crenças particulares e adoração à divindade.

Os neoplatônicos não acreditavam no mal. O que para muitos era o mal, para eles era visto como imperfeição, isto é, “ausência de bem”. O neoplatonismo, em sua maioria, acreditava que a perfeição humana e a felicidade poderiam ser obtidas neste mundo sem que fosse preciso o indivíduo esperar uma vida após a morte (GILSON, 2001).

A literatura neoplatônica influenciou significativamente a compreensão filosófica de Agostinho. Os textos de Plotino e Ambrósio lhe deram a base para uma apurada interpretação da Sagrada Escritura. Com o bispo Ambrósio, Agostinho aprendeu a maneira adequada de se ler e compreender os textos bíblicos, além da maturidade espiritual (MARTINS, 1997).

O acesso aos escritos de Plotino e Porfírio por meio da tradução de Mario Victorino auxiliou Agostinho nas questões ontológico-metafísicas, as quais lhe afligiam. Questões como a concepção do incorpóreo e da demonstração de que o mal não é substância, mas mera privação. Foi precisamente a partir do encontro com a obra *Enéadas* de Plotino que Agostinho teve o seu encontro mais significativo com a metafísica.

Aqui é importante enfatizar que Agostinho ao iniciar seus estudos de literatura e oratória em Cartago se depara com momentos de crise e de profundas inquietações existenciais e até mesmo em relação a existência de Deus. Chegou também a ter uma vida mundana, sendo atraído por paixões efêmeras. O próprio Agostinho narra essa fase assim que chega em Cartago:

Vim para Cartago. De todos os lados ferviam criminosos amores. Ainda não amava e já gostava de amar. Impelido por uma necessidade secreta, envaidecia-me contra mim mesmo por não me sentir mais faminto de amor [...]. Era para mim mais doce amar e ser amado se podia gozar do corpo da pessoa amada. Desse modo, manchava, com torpe concupiscência, aquela fonte de amizade. Embaciava a sua pureza com o fumo infernal da luxúria (AGOSTINHO, Confissões, III, 1, 1).

Cartago era uma cidade bastante movimentada. Além de possuir um forte comércio, contava com muitos teatros e a apresentação de vários espetáculos. Cidade grande, tudo era permitido. O próprio Agostinho confessara que as encenações teatrais lhes proporcionavam momentos de êxtase e encantamento: “arrebataavam-me os espetáculos teatrais, cheios de imagens das minhas misérias e de alimento próprio para o fogo das minhas paixões” (AGOSTINHO, Confissões, III, 2, 2).

### **1.3 Conversão espiritual**

Agostinho, com 32 anos de idade, chorava nos jardins da sua residência em Milão. Depois de percorrer um longo período à procura da tão esperada verdade, deprimido e angustiado, procurava respostas definitivas que lhe dessem sentido à vida, que não lhes concedessem apenas picos de euforia, mas que fossem verdadeiras e capazes de lhe proporcionarem um encontro com aquela felicidade que não passa, jamais corruptível, mas eterna e única. Naquele momento, ouviu uma voz semelhante à de uma criança a cantar como se fosse um refrão: “Toma e lê, toma e lê”. Levantou-se, conteve a torrente de lágrimas, olhou ao seu redor para descobrir de onde vinha o canto e encontrou uma Bíblia sobre a mesa.

Assim, Agostinho abriu e leu a página caída por acaso sob seus olhos: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contendas e emulações, mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos” (Rm 13,13). Não quis ler mais.

Uma luz inundou seu coração, dissipando todas as trevas e incertezas, e ele correu à procura de sua mãe Mônica para contar o ocorrido. Isso aconteceu, como já citado, tempo depois que Agostinho conheceu Santo Ambrósio, bispo de Milão, grande orador e teólogo, que já lhe tinha inquietado com suas homilias, por estar à procura da verdade.

Chegando a Milão, fui visitar o Bispo Ambrósio, conhecido pelas qualidades em toda a terra e vosso piedoso servidor, cuja eloquência zelosamente servia ao vosso povo ‘a fina flor do vosso trigo, a alegria do azeite de oliveira e a sóbria embriaguez do vinho’. Vós me leváveis a Ambrósio, sem eu o saber, para ser por ele conscientemente levado a Vós (AGOSTINHO, Confissões, III, 2, 2).

Logo, o caminho da conversão espiritual de Agostinho estava sendo preparado por sua mãe desde o ventre. Mônica foi uma Mulher Cristã quer na perseverança, quer na sua fé, uma fé sólida; alcançou com sua bondade a conversão do marido e, com a força das preces acompanhadas na maioria das vezes com lágrimas, o filho que vagava pelo mundo da perdição da época.

Após longas experiências, Agostinho se converte ao cristianismo, era também um convertido entusiástico à filosofia. Não mais a uma filosofia platônica, mas agora, marcado por suas leituras do apóstolo Paulo, além da devoção cristã, recebida na infância, de sua mãe, Mônica, por tanto tempo, porém, adormecida, até mesmo, por ele, desprezada. Agora o filho de Mônica resolve se dedicar às Sagradas Escrituras como alimento para a alma e resposta para as suas inquietações existenciais.

Nesta perspectiva, ele já começava, certamente, a compreender a ideia de uma bem-aventurança prometida àqueles que vivessem segundo a sabedoria, e a ideia também de que o conhecimento da verdade seria equivalente ao conhecimento de Deus, e que a felicidade só incide mediante esse conhecimento.

Em 391, Agostinho recebe o chamado para ser sacerdote, pois havia uma necessidade de se construir um mosteiro em Hipona, e precisavam de um padre que exercesse o ministério da pregação. “... o bispo Valério propôs à assembleia a escolha de um coadjutor para as funções sacerdotais. Imediatamente o povo gritou: ‘Agostinho presbítero!’ Então aos 36 anos, foi ordenado presbítero” (SOUZA, 2001, p. 23). Em 395 foi sagrado bispo coadjutor de Valério.

Maduro na fé e no pensamento cristão, Agostinho considera a felicidade como sendo a maior busca humana. E é o Criador que concede a cada um a graça de encontrar a felicidade verdadeira ainda em vida. Portanto, a felicidade não é, exclusivamente, uma conquista do humano, mas dádiva do Criador que é manifestada pela vontade de ser feliz de suas criaturas que ultrapassa qualquer superficialidade das experiências mutáveis para encontrar abrigo no próprio Deus.

Para o filósofo medieval, a felicidade deve ser buscada pelas ações da graça divina, enquanto canal que permite fluir a felicidade. Nisto se manifesta a diferença entre a busca do

ser feliz em Agostinho e nos filósofos do passado. Para o religioso, a felicidade se concretiza na posse de Deus, em conhecê-lo plenamente pela graça Dele e pela fé na sua pessoa.

Mal ouvimos este nome, ‘felicidade’, imediatamente temos de confessar que é isso mesmo o que apetecemos; não nos deleitamos simplesmente com o som da palavra. Quando um grego ouve pronunciar esse vocábulo em latim, não se deleita, porque ignora o sentido. Mas nós deleitamo-nos; e ele também se deleita, se ouve em grego, porque a felicidade real não é grega nem latina, mas os gregos, os latinos e os homens de todas as línguas têm um desejo ardente de a alcançar. E assim, se fosse possível perguntar-lhes a uma só voz se ‘queriam ser felizes’, todos, sem hesitação, responderiam que sim. O que não aconteceria, se a memória não conservasse a própria realidade, significada nessa palavra (AGOSTINHO, Confissões, X, 20, 29).

Neste sentido, não se procura entender a felicidade enquanto conceito, mas enquanto experiência profunda e real, vivida e experimentada por meio do encontro do homem com o seu criador. E mais do que isso, é alimentada por meio da amizade que o homem estabelece com Deus.

É, portanto, nessa ação íntima que, partindo do interior do homem, transcende em direção a Deus, que Agostinho supera o tempo, trazendo para o presente, por meio da fé, aquilo que só se consolidaria num futuro ainda desconhecido. A essa relação transcendente, o autor medieval viria chamar de amizade, pois “é feliz quem possui a Deus” (De beat. vit., III, 17), e retificando esse pensamento posteriormente, irá dizer, “será feliz quem possui a Deus como amigo” (SANGALLI, 2004, p. 19) e mais adiante aperfeiçoa esse pensamento ensinando que a felicidade acontece na comunhão com a Trindade (ARENDDT, 2005, p. 35).

Destarte, a vida feliz ou o ser humano bem-aventurado se solidifica na posse e comunhão de Deus. Entende-se que, na realidade, a posse e a comunhão, ou participação, são uma coisa só, um relacionamento de proximidade e de intimidade com o Criador, é uma relação ontológica (SANGALLI, 2004, p. 101). Vale salientar que essa compreensão é possível de ser extraída do bispo de Hipona mediante suas reflexões filosóficas e teológicas. Sem essa maturidade espiritual e sem o discernimento racional seria um tanto complexo de se alcançar tal entendimento.

Nos próximos capítulos pretendemos aprofundar a compreensão do que Agostinho chama felicidade e examinar de que maneira ele relaciona a felicidade com a verdade. Para tanto, no segundo capítulo nos dedicaremos a investigar o texto *A Vida Feliz*, escrito pelo bispo de Hipona.

## 2 A FELICIDADE NA OBRA *DE BEATA VITA*

Tratar do pensamento agostiniano acerca da felicidade e compreender a relação estabelecida nele entre as noções de felicidade e verdade, é o fio condutor pelo qual tecemos a elaboração dessa pesquisa. Interessa-nos aqui, aprofundarmos a compreensão de Agostinho acerca da felicidade. Compete-nos, neste capítulo, discorrer sobre os principais aspectos da filosofia agostiniana acerca do conceito de felicidade a partir da obra *De Beata Vita*.

Para melhor compreensão do leitor, ressaltamos que quando abordamos ao longo do texto os termos bem-aventurado, bem-aventurança, felicidade e vida feliz compreendo-os como termos sinônimos.

### 2.1 *De Beata Vita* em diálogo

A obra *De Beata Vita* ou “Sobre a vida feliz”, que Santo Agostinho dedica ao seu amigo e mestre Teodoro, é resultado de alguns diálogos, erigidos durante um retiro em Cassiciáco, entre os dias 13 e 15 de novembro do ano de 386. Agostinho se retirou na companhia de sua mãe, Mônica, seu irmão Navígio, o filho Adeodato, dois primos, dois jovens discípulos: Trígésio e Licêncio; e Alípio, seu grande amigo. Lugar propício e convidativo à ruminação, o diálogo compreende três colóquios. Fundamentado nos princípios e certezas cristãs, Agostinho discute uma solução ao problema da felicidade.

De acordo com Frangiotti (2007), o diálogo *De Beata Vita* aborda o problema da felicidade numa perspectiva filosófica. Apesar de Agostinho se considerar um neo convertido, o colóquio transcorre mediante uma proposta lógico-argumentativa. O autor Roque Frangiotti teceu na introdução da versão brasileira dessa obra a seguinte definição:

Agostinho conduzirá um diálogo em torno de um tema clássico e fundamental para a Antiguidade: a felicidade. Destes três dias nasceu a obra, *A Vida Feliz*. Trata-se de um diálogo filosófico na mesma linha das outras obras produzidas nesse retiro: *Contra os Acadêmicos*, *A Ordem* e *os Solilóquios* (FRANGIOTTO, 2007, p. 111).

Embora Agostinho tenha escrito bastante sobre felicidade em vários momentos de sua vida, é a obra em tela que parece melhor abordar a compreensão filosófica do autor em relação

a essa temática. Nesta obra, o filósofo medieval desenvolve a tese segundo a qual a vida feliz consiste no perfeito conhecimento de Deus. Desta feita,

a vida feliz sobre a terra é possível somente na esperança. A relação entre a sabedoria, a verdade e a medida, remonta Agostinho à mesma fonte da perfeita felicidade: ‘Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: - por quem somos guiados até a Verdade (o Pai); - e qual Verdade gozamos (o Filho); - e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo) (IV, 35). A felicidade está centrada no conhecimento da Verdade na interioridade da alma. Conhecimento que, ao mesmo tempo, é posse e gozo de Deus: ‘feliz quem possui a Deus’. A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em fruir, deleitar-se em Deus, a Verdade infinita, nosso Bem Supremo e Imutável. Nossa perfeição moral e nossa felicidade consistem em conhecer e amar este Sumo Bem (AGOSTINHO, 1993, p. 115).

A questão da felicidade foi bastante abordada pelos gregos. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles defendiam que a felicidade consiste no aperfeiçoamento das potencialidades humanas (BROWN, 2005). O pensamento platônico sistematizou a discussão sobre a felicidade, desenvolvendo quase um tratado ao associar com a questão da virtude (LOPES, 2011)

Para Platão, a felicidade não pode advir das coisas exteriores, mas tão somente da alma, pois esta é a sua essência, e a isto acrescenta a ideia de que, para ser feliz, é necessário viver na virtude.

Sabendo-se que os sentidos do corpo humano costumam nos enganar facilmente, fazendo com que o mundo material experimentado seja um tanto enganoso. Sendo este mundo instável não seria possível por meio dele haver a felicidade. Portanto, para Platão, o percurso da felicidade é o da abdicação das ilusões dos sentidos em direção ao mundo das ideias, até almejar o conhecimento supremo da realidade, correspondente a ideia do bem. Para entender a concepção platônica de felicidade, precisamos, a priori, compreender sua doutrina sobre a alma humana, contida na obra *A república*. Segundo Platão, o ser humano é essencialmente alma, esta por sua vez, imortal e precedente a existência do corpo. Vejamos:

Sim, é possível que exista mesmo uma espécie de trilha que nos conduz de modo reto, quando o raciocínio nos acompanha na busca. E é este então o pensamento que nos guia: durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma estiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. Não somente mil e uma confusões nos são efetivamente suscitados pelo corpo quando clamam as necessidades da vida, mas



ainda somos acometidos pelas doenças – e eis-nos às voltas com novos entraves em nossa caça ao verdadeiro real! O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas, que por seu intermédio (sim, verdadeiramente é o que se diz) não recebemos na verdade nenhum pensamento sensato; não, nem uma vez sequer! Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; com efeito, na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos! Por culpa sua ainda, e por causa de tudo isso, temos a preguiça de filosofar. Mas o cúmulo dos cúmulos está em que, quando conseguimos de seu lado obter alguma tranquilidade, para voltar-nos então ao estudo de um objeto qualquer de reflexão, súbito nossos pensamentos são de novo agitados em todos os sentidos por esse intrusão que nos ensurdece, tonteia e desorganiza, ao ponto de tornar-nos incapazes de conhecer a verdade. [...] Além disso, por todo o tempo que durar nossa vida, estaremos mais próximos do saber, parece-me, quando nos afastarmos o mais possível da sociedade e união com o corpo, salvo em situações de necessidade premente, quando, sobretudo, não estivermos mais contaminados por sua natureza, mas, pelo contrário, nos acharmos puros de seu contato, e assim até o dia em que Deus houver desfeito esses laços. E quando maneira atingirmos a pureza, pois que então teremos sido separados da demência do corpo, deveremos verossimilmente ficar unidos a seres parecidos conosco; e por nós mesmos conheceremos sem mistura alguma tudo o que é. E nisso, provavelmente, é que há de consistir a verdade. Com efeito, é lícito admitir que não seja permitido apossar-se do que é puro, quando não se é puro. (PLATÃO, 1979, 67-68).

Perante a compreensão apontada no trecho acima, o ser humano deve fugir não apenas do corpo, terreno do mal, mas também deve fugir do próprio mundo sensível, que em unidade com a realidade corpórea age na imperfeição e na maldade, tentando cada vez mais tornar os humanos incapazes de encontrar a verdade. É, portanto, nesta questão que se fundamenta toda a moral platônica, pois a melhor maneira de se fugir do corpo e do mundo (do mal) é tornando-se virtuoso.

A doutrina platônica é assimilada por Agostinho e por outros filósofos considerados cristãos, como instrumento para mais tarde servir de compreensão racional de questões ligadas a fé. A partir desse entendimento, quando Agostinho propõe o diálogo sobre a *Vida Feliz*, ele se baseia tanto em princípios do cristianismo quanto de cunho filosófico, e mediante indagações acerca da relação felicidade e seres humanos fundamenta sua discussão. A primeira conclusão alcançada por Agostinho, no diálogo, é aquela segundo a qual só será feliz quem for capaz de adquirir e manter um bem que não seja efêmero, ilusório, mas que promova o verdadeiro encontro com a felicidade. O texto também aborda a questão da infelicidade, que se manifesta pela ignorância, falta de cultura e instrução (SANGALLI, 1998).

O colóquio é composto por profundas reflexões entorno do conceito, da busca e conquista da vida feliz. Inquietações tais como: “O que o homem precisa conseguir para ser feliz?”, “O que se deve fazer para alcançar a felicidade?”, e “A que deve ater-se o homem para

ser feliz?”, norteiam a discussão, dando suporte a concepção de felicidade que vai sendo sistematizada ao longo do diálogo agostiniano.

## 2.2 A procura da vida feliz

Influenciado pelo neoplatonismo, o bispo de Hipona define o ser humano como composto de corpo e alma. Além disso, ele afirma ser a alma superior ao corpo. Por outro lado, diferentemente do platonismo e do maniqueísmo que viam o corpo (matéria) como algo negativo, Santo Agostinho possuía visão positiva em relação ao corpo (COSTA, 2012, p. 89).

Entendendo que tanto o corpo quanto a alma possuem desejos e que esta última é hierarquicamente superior ao primeiro, a questão da felicidade, para Agostinho, terá um aspecto ligado à plenitude e à satisfação dos desejos da alma. Para o bispo de Hipona, todo homem é dotado de desejos, porém, existem desejos que nem as paixões e nem as satisfações do corpo conseguem suprir. O desejo humano que clama a plena felicidade somente pode ser saciado por uma via que transcende a materialidade corpórea e que pode ser encontrada por via da alma. É, portanto, o afastamento dos desejos efêmeros que conduzirá o homem à busca pelo Sumo Bem, isto é, pelo que não passa.

A concepção antropológica que define o ser humano a partir da separação entre o corpo e a alma conduz a pensar que o ser humano feliz é aquele que se afasta da concupiscência para se aproximar e viver de acordo com o Bem Supremo. Assim sendo, “não são os bens efêmeros, materiais, meramente passageiros, que garantem a felicidade. O que é suscetível às vicissitudes da vida, às variações da sorte, sujeito à mudança, receio e fragilidade, não pode garantir felicidade a ninguém” (SANTOS, 2019, p. 28).

Se os bens materiais e passageiros não garantem uma vida feliz, então, o que proporciona o encontro do ser humano com a felicidade deve ser um bem incorruptível, eterno e onipotente.

A felicidade não se encontra em qualquer coisa e nem tampouco nas paixões e nos prazeres humanos, mas na posse do *Summum Bonum* (Sumo Bem). “Bem sumo é aquele procurado por si mesmo, inclusive em todas as outras coisas desejadas” (PASTOR, 1993, p. 619). Desta feita, o Sumo Bem é a personificação de Deus, é Deus que por sua vez, é a felicidade. Ou seja, de acordo com Agostinho, a busca da felicidade é a busca por Deus.

Vale ressaltar que a compreensão de felicidade em Santo Agostinho destoa da concepção contemporânea que acentua a ideia de uma felicidade individualista, que tende a aproximar o ser humano, cada vez mais, de uma pseudofelicidade, baseada em picos de euforia e bem estar psíquico, afastando o indivíduo do real encontro com a felicidade verdadeira. Nesta perspectiva, evidencia Sangalli:

Atendo-se à felicidade como mero *estado de consciência* ou aos conteúdos provenientes de condições e bens temporários de uma sociedade consumista como a atual, o máximo que se consegue é a sensação de estar *próximo* de uma vida feliz. São apenas determinados *momentos de felicidade* possíveis nesta condição existencial humana (1998, p. 9).

Neste sentido, observa-se a tendência de a felicidade, na sociedade hodierna, ser compreendida dentro de uma concepção mercadológica. Nesse sistema, quanto mais se consome mais aparentemente o sujeito se sente menos angustiado e mais aliviado. Contudo, essa tendência é contrária a concepção agostiniana. Para Agostinho, os bens externos não conduzem à felicidade. Para ser feliz o indivíduo deverá buscar o bem que não passa. Isto consiste em repousar no Absoluto, isto é, em Deus.

O enredo dessa descoberta que caracteriza o pensamento agostiniano compreende dois lados de uma mesma viagem: o espírito filosófico e o misticismo religioso. Para o bispo de Hipona, os dois principais instrumentos de sua busca foram: a fé (*fides*) e a razão (*ratio*). Contudo, o caminho traçado por Agostinho compreendia que nem a razão nem a fé eram suficientes sozinhas para o encontro do Bem Supremo (*Summum Bonum*). Para que o ser humano possa ser feliz é indispensável ainda a dimensão da graça. O Sumo Bem, que torna possível a vida feliz, precisa se doar aos seres humanos. Estes não são capazes de por si mesmos e de modo completamente independente alcançar a felicidade.

Importa ter presente que a questão da felicidade, em Agostinho, precisa ser lida e analisada a partir de um contexto específico, a saber: a sua conversão. Como sabemos, a vida do bispo de Hipona foi profundamente marcada pela busca de um verdadeiro sentido para a existência. Disso decorre a sua inquietude e sede por encontrar uma verdade definitiva que impulsionou a reflexão sobre a questão da felicidade humana (AGOSTINHO, 1993).

Agostinho, após sua conversão, acreditava em um Deus perfeito e criador de todas as coisas que há no mundo. Todas as coisas são apreendidas como um *bem*, haja vista serem obras

da criação divina, que é o Bem por excelência. Entretanto, as coisas criadas comportam graus de perfeição e por isso são bens *relativos*, enquanto Deus é o Sumo Bem. Ou seja, elas são corruptíveis, enquanto Deus é eterno (BEIERWALTES, 1995). Em consequência, apenas Deus pode tornar o homem feliz.

### 2.3 A alegoria da “navegação”

Para Agostinho, o problema da conquista da felicidade estaria na conduta do ser humano. Este não a encontra à medida que ao invés de apoiar sua vida no Sumo Bem, isto é, em Deus, procura satisfação nos bens corruptíveis e mutáveis, nas coisas materiais. Na relação confusa com as coisas, o ser humano acaba trocando o Absoluto pelo relativo. Contudo, a vida feliz passa necessariamente pelo encontro da alma com Deus.

É nessa ação íntima que, partindo do interior do homem, transcende em direção a Deus, que Agostinho supera o tempo, trazendo para o presente, por meio da fé, aquilo que só se consolidaria num futuro ainda desconhecido. A essa relação transcendente, Agostinho viria chamar de amizade, pois “é feliz quem possui a Deus” (De beat. vit., III, 17), e se corrigindo mais tarde, diz, “será feliz quem possui a Deus como amigo” (SANGALLI, 2004, p. 19) e mais adiante aperfeiçoa esse pensamento ensinando que a felicidade acontece na comunhão com a Trindade (ARENDRT, 2005, p. 35). Portanto, a vida feliz se consolida como posse e comunhão de Deus. Entende-se que, na realidade, a posse e a comunhão, ou participação, são uma única coisa, um relacionamento de proximidade e de intimidade com o Criador, é uma relação ontológica (SANGALLI, 2004) (SOUZA, 2021, 67-68).

Aqui parece-nos ser uma das maiores contribuições do pensamento agostiniano a respeito da felicidade. Ele elabora uma reflexão acerca da condição humana. Coloca a questão a respeito de quem somos e sobre o que nos faz desprendermos de tudo que nos aprisiona tanto exteriormente como interiormente. Proporcionar ao ser humano uma profunda sintonia com sua alma é um dos pontos da doutrina ensinada por Agostinho. O que ele propõe ao ser humano é a vivência da felicidade verdadeira, que apenas pode ser alcançada quando se encontra Deus. Apesar do mundo se revestir de inúmeros momentos de prazer, o único bem durável e perfeito é Deus.

No diálogo *Sobre a Vida Feliz*, o autor faz uso da alegoria “navegação” para retratar sua história de vida que se identifica com uma viagem marítima. Em meio a uma tempestade, o

barco em alto mar leva o ser humano a uma autorreflexão em direção a quem seria o autor ou o culpado por aquela tempestade.

Agostinho aponta a filosofia como o porto de tal navegação. A felicidade, por sua vez, seria o solo firme, exatamente o ponto de chegada da viagem. Isto é, a felicidade poderia ser alcançada “se fosse possível atingir o porto da filosofia, único ponto de acesso à região e terra firme da vida feliz” (AGOSTINHO, 1993, p. 04). Entretanto, no dizer de Agostinho, nem todo mundo consegue alcançar o porto, pois, ao se deixarem levar pelas tempestades e seduções da navegação, muitos corrompem o percurso e impossibilitam a chegada.

Reconhecendo-se como navegante, Agostinho enfatiza os percalços da navegação e se apresenta como aquele que deseja superar os perigos e inseguranças do mar. Assim, a vida feliz parece ser uma grande conquista que se evidencia enquanto determinação humana, atrelada a graça divina que se manifesta no humano mediante a bondade do Criador, perpassando assim, as escolhas e as vontades dos indivíduos.

Suplico-te, pois, em nome da tua virtude, por tua bondade e pelos vínculos e relações que costumam unir as almas, estender-me a mão. Quero dizer-te: estima-me e, em troca, crê que eu te estimo e que me és muito querido. Se obtiver o que desejo, bastar-me-á um ligeiro esforço para atingir, sem dificuldade, aquela vida feliz, a qual já desfrutas, como penso (AGOSTINHO, p. 1993, p. 5).

A súplica de Agostinho destinada ao seu amigo Teodoro traduz o desejo de renovar a amizade e companheirismo entre ambos, mas também um grito de auxílio para que Teodoro o ajude nesse itinerário de busca pela felicidade, acreditando Agostinho, que seu amigo já a tivesse encontrado. Agostinho não está se referindo a qualquer amigo, mas a alguém que foi seu mestre e seu grande motivador da leitura da filosofia platônica (AGOSTINHO, 1993).

Com o intuito de contextualizar o itinerário que o indivíduo poderia percorrer em busca de felicidade, no diálogo *A vida feliz*, Agostinho atribui significados diferentes a três tipos de navegantes, a saber:

- a) Navegantes 1: homens amadurecidos ao longo da vida. São aquelas pessoas que não agem por impulso, mas de modo prudente, não apreciam muito a ideia de se afastarem de sua pátria. Logo, procuram e transmitem segurança, navegam calmamente até uma terra firme e tranquila, onde procuram iluminar o caminho dos demais com seus sábios escritos.

- b) Navegantes 2: homens dotados de ignorância. Esse grupo representa aquelas pessoas que facilmente se deixam enganar pelos aspectos falaciosos do mar. Neste sentido, não adotam uma postura cuidadosa, prudente e permitem se lançar nas aventuras do alto mar. Imbuídos pelo fascínio do mar, acabam indo longe demais, distanciando-se de sua pátria que, por sua vez, na maior parte das vezes, é esquecida. De acordo com o próprio Agostinho, esses navegantes acabam, então, se perdendo no “profundo abismo da miséria” (AGOSTINHO, 1993, p. 118).
- c) Navegantes 3: homens que estão no meio termo, nem avançam demais e nem recuam totalmente. Este grupo compreende aqueles sujeitos que desde muito cedo ou após certo tempo de experiência no mar não se desprendem totalmente de sua pátria, sendo alimentados frequentemente por uma saudade do lugar de origem. Por outro lado, por vezes, certos navegantes ainda se perdem no percurso do mar. “Deixam-se deter pelas doçuras do percurso. Perdem a oportunidade do retorno” (AGOSTINHO, 1993, 119). Desta feita, aumenta o risco de naufrágio de sua embarcação.

O itinerário percorrido no mar da vida transborda em águas profundas que ora acalma e ora agita a existência humana. Neste sentido, os indivíduos em alto mar tornam-se suscetíveis aos encontros com os vagalhões e tempestades que, por sua vez, tendem a dificultar a rota percorrida. Tal situação pode ainda se agravar caso o navegante desvie do caminho que leva à bem aventurança. Portanto, caso ocorra algum transviamento da rota correta, certamente virá alguma instabilidade que poderá levar o homem a infelicidade (ROCHA, 2017).

Ainda no diálogo *A vida feliz*, Agostinho realiza uma comparação entre os homens que alimentam corretamente a alma e aqueles que não a alimentam de um modo correto. Torna-se possível encontrar, então, uma espécie de dualidade entre a virtude e o vício. Ou seja, os indivíduos que nutrem corretamente a alma vivem na sabedoria, pois agem de maneira virtuosa e temperada; já aqueles ignorantes que não nutrem corretamente sua alma vivem uma espécie de vida viciosa, pois agem na intemperança (AGOSTINHO, 1993).

A discussão teológica a respeito do conceito da graça divina encontra sua gênese no debate sobre o pecado original. O mal legado à humanidade pelo pecado original foi o ponto de partida de Agostinho para ruminar sobre a “graça”. Percebendo o homem contaminado pela vontade de seguir seus prazeres mundanos em detrimento dos mandamentos de Deus, refletiu o bispo de Hipona sobre a vontade divina de libertar e salvar as criaturas.

Por considerar a proposta do maniqueísmo incoerente, Agostinho se filia ao neoplatonismo de Plotino, e passa a entender que “o Mal é a ausência do Bem, por outras palavras, o Mal não é um ser, mas deficiência e privação do ser” (OLIVEIRA, 2014, p. 40). Para Plotino não existe mal no universo, e sim uma hierarquia graduada de bens. Essa ideia agrada à Agostino. Essa perspectiva tornará possível preservar a integridade de Deus como criador de todas as coisas. Isso porque se Deus é o Sumo Bem, tudo que é obra de sua criação só pode ser bom.

Portanto, quando o bispo de Hipona se refere a graça divina, compreende-a enquanto a salvação divina concedida ao homem caído do paraíso. É, pois, por graça divina e escolha humano que o indivíduo se torna bem-aventurado. É a vontade agraciada por Deus ao ser humano, que permite ao ser a Graça de ser novamente a livre criatura do Criador em busca da vida feliz.

### 3 FELICIDADE E VERDADE EM AGOSTINIANO

Neste capítulo nos deteremos a discussão que trata da felicidade atrelada ao conceito de verdade no pensamento agostiniano. O bispo de Hipona percorre um longo caminho até encontrar-se com a verdade. Diante de tantas situações e crises existenciais perante a sua busca, Agostinho compreende que a verdade que tanto buscava só podia advir de algo atemporal e que não estivesse sujeito à corrupção. É, portanto, sobre essa compreensão que teceremos as linhas deste terceiro capítulo.

Nesta parte do trabalho nos deteremos a compreensão que Agostinho desenvolve acerca da verdade. A princípio procuraremos entender o que o filósofo medieval entende por verdade. Em seguida, abordaremos Deus como sendo a verdade eterna; e por fim, trataremos propriamente da relação felicidade e verdade na obra agostiniana.

#### 3.1 O que é a verdade

Ao longo da História da Filosofia vários filósofos teceram reflexões sobre a questão da verdade, a verdade dos fatos, das coisas... Agostinho fundamenta seu pensamento a partir do desejo de encontrar a verdade absoluta. Esse encontro com a verdade parece-nos peculiar ao ato de filosofar, uma vez que, tanto a felicidade quanto a verdade configuram-se como questão que norteiam a existência humana. Assim, “a filosofia é simultaneamente uma forma de viver (*"ars vivendi"*) e o modo de procurar a verdade (*"modus quaerendae veritatis"*), comportamento ético e pesquisa teórica, tarefa axiológica e gnosiológica” (PASTOR, 1993, p. 620).

O termo verdade origina do latim *"veritas, veritatis"*, que significa real, verdadeiro. De acordo com Ávila (1967), é possível distinguir duas acepções fundamentais dessa terminologia. A primeira é a acepção epistemológica, pela qual a verdade é a adaptação entre a inteligência e a coisa, se opondo ao erro. A segunda é a acepção moral, pela qual a verdade é o ajuste entre a inteligência e a sua expressão manifestada e, nesse caso, opondo-se à mentira.

Na filosofia escolástica encontra-se outro conceito de verdade, aquela que é e não pode deixar de ser, isto é, a verdade eterna. Tal concepção designa os princípios que constituem as leis absolutas dos seres e da razão, emanadas da vontade divina, as quais podem ser descobertas por meio do exercício do pensar (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2008).



Nos dizeres de Japiassú e Marcondes (2008), a ideia de "verdades eternas", tal como admitida e usada por vários pensadores pode ser associada a Platão, porém é mais apropriado iniciar com Filon e, ainda mais propriamente, com Santo Agostinho. Com efeito, podem-se distinguir a noção de "verdades eternas" e outras noções afins como as de "noções comuns", "ideias inatas", "axiomas", "fatos primitivos", "princípios evidentes" etc. — vale salientar que todas essas compreensões se distinguem entre si. Todas estas noções, incluindo, portanto, a de "verdades eternas" têm em comum pressuporem que existe uma série de proposições, princípios, "verdades" etc., inabaláveis, absolutamente certos. No entanto, a noção de "verdades eternas", pelo menos tal como usada e formulada na expressão latina *veritatis aeternae*, carrega uma conotação avalizada pela suprema verdade, ou pelo princípio de toda a verdade, isto é, Deus.

Perante essa compreensão, Agostinho expande sua filosofia a partir da procura incessante acerca do conhecimento da verdade, além do exercício de demonstrar amor para com essa verdade, pois compreende que é a partir do encontro com ela que o indivíduo se torna sábio e que, portanto, a sabedoria é a condição *sine qua non* para que o ser se torne feliz. A felicidade, neste sentido, é a motivação primeira para o viver, mas também para o ato de filosofar.

Como já mencionado, para que o ser humano alcance a felicidade, faz-se necessário o desprendimento dos anseios do corpo para que assim a importância e o desejo da alma estejam acima dos desejos do corpo. Logo, para que o ser humano viva plenamente feliz, é imprescindível que ele busque o verdadeiro e Sumo Bem, que saciará por completo os anseios de sua alma.

Nesta perspectiva, o desejo proveniente da sabedoria interior não pode tornar o homem infeliz, pois, contra o sábio não ocorre desagradados. Os desejos da alma são retos e concernentes à vida feliz, e sobre essa questão comenta Agostinho: “[...] como poderia ser infeliz aquele que nada acontece contra a sua vontade? Pois ele não chega a desejar o que vê ser irrealizável. Sua vontade dirige-se somente a coisas possíveis?” (*A vida feliz*. IV, 25)

Em consonância com Agostinho, a busca pela felicidade é compreendida a partir da maneira como o ser humano sabiamente conduz seus desejos. Desta feita, o ser humano que é sábio tão somente há de desejar o conveniente para sua felicidade; portanto, viverá muito bem de acordo com seu desejo proveniente da verdade interior.

O bispo de Hipona evidencia essa maneira de pensar em torno da questão da felicidade e da verdade em uma de suas obras de maturidade, intitulada *De Civita Dei*, ao afirmar:

Não há razão para o homem filosofar senão para que seja feliz; e o que faz com que este seja feliz é o fim bom; não há, por conseguinte, nenhuma causa para filosofar, salvo a meta do bem; por essa razão, aquela que não segue o fim bom não pode ser dita seita filosófica (AGOSTINHO, *De Civita Dei*, XIX, i,3).

Nesta perspectiva para que serve a filosofia senão para direcionar o ser à verdadeira felicidade? Agostinho como bom leitor de Cícero (106-43 a. C) acreditava que a verdadeira filosofia é o caminho que conduz o indivíduo à posse da sabedoria. Sabendo-se que quem possui a sabedoria torna-se sábio e, se quem é dotado de sabedoria é feliz, logo, todo sábio detém a felicidade. Se levarmos em conta que a sabedoria não pode estar alicerçada sobre a mentira, então quem a possui deve também possuir a própria verdade. Portanto, o sujeito sábio só é feliz porque possui a sabedoria que emana da verdade.

Agostinho ao tratar da sabedoria associada à felicidade aborda-a como algo que transcende o pensamento humano. Sendo esta proveniente de Deus, que é considerado a verdade suprema, responsável por proporcionar ao ser humano o verdadeiro caminho da vida feliz. O alcance desta felicidade é passado pela justa medida da sabedoria, que conduz a ação humana para o caminho correto da felicidade.

A sabedoria seria uma espécie de justa medida que dosa e dá equilíbrio às tomadas de decisão de cada ser humano. Nesta propositura, Roque Frangiotti assegura: “Para Agostinho, Deus é a Medida suprema, à qual todos os seres devem ajustar. Assim, a sabedoria é a medida e equilíbrio, exclusão de excessos e deficiências. Possuir a medida-sabedoria é ser feliz” (AGOSTINHO, *A Vida Feliz*, p. 155). O sábio é aquele que entendeu a relação entre felicidade e a justa medida da sabedoria.

O tema da felicidade foi, certamente, despertado em Agostinho a partir da leitura do *Hortênsio* de Cícero, obra que o converteu ao gosto da filosofia. A obra de Cícero, de fato, repassava, num exame crítico, todas as escolas e seitas filosóficas, assinalando os erros de cada uma delas, para concluir num ecletismo filosófico ideal e temperado. A obra despertou Agostinho para a busca da verdadeira felicidade, da verdade e da sabedoria (FRANGIOTTI, 1998, p. 112).

Torna-se feliz todo aquele que se prontifica a encontrar-se com a verdade. Felicidade e verdade estão comumente interligadas no pensamento agostiniano. Pois, para que haja felicidade é preciso que haja verdade, sendo impossível alguém ser feliz construindo uma vida baseado na mentira e na ilusão. Portanto, quem encontrou a verdade certamente será um ser feliz.

### 3.2 Deus como verdade eterna

Em vários de seus escritos Agostinho abordará tanto a questão da felicidade quanto a da verdade. Precisamente no diálogo *Soliloquia*, o filósofo medieval confabula um diálogo acerca da verdade, com a sua própria razão. Nessa obra, Agostinho apresenta como uma das características da verdade a eternidade, pois mesmo que o mundo sensível pereça, a verdade continuará a existir, uma vez que ela não fenece (GILSON, 2006). No recorte a seguir, é possível constatar o entendimento de Agostinho sobre a questão da verdade eterna:

Razão: Portanto, existirá a verdade ainda que o mundo acabe.

Agostinho: Não posso negá-lo.

R. E se perecer a verdade, não será verdadeiro que a verdade terá perecido?

A. Quem o nega?

R. Mas o verdadeiro não pode existir se não existir a verdade.

A. Há pouco concordei com isso.

R. Portanto, a verdade não perecerá, de modo algum. (AGOSTINHO, *Soliloquia II*, ii, 2).

Se a Verdade é essa realidade que não passa e não perece, então, é possível de ser percebida por todos aqueles que orientam o olhar da alma para as realidades imutáveis e inteligíveis, de maneira que uma razão suprema seja percebida como a causa de todos os demais seres.

Embora essa verdade esteja acessível a todos nem todo indivíduo encontra-se disposto e inclinado a buscá-la. De acordo com Agostinho, em se tratando de busca da verdade, o ser trava uma batalha entre o corpo e a alma, isto é, entre o material e o espiritual, o sensível e o inteligível. Sobre essa dualidade, o filósofo discorreu na obra *Confissões*, obra esta, que possibilita conhecer grande parte do caminho extenso percorrido por ele em direção à verdadeira felicidade.

Talvez por amarem de tal modo a verdade que todos os que amam outra coisa querem que o que amam seja a verdade. Como não querem ser enganados, não se querem convencer de que estão em erro. Assim, odeiam a verdade, por causa daquilo que amam em vez da verdade. Amam-na quando os ilumina, e odeiam-na quando os repreende. Não querendo ser enganados e desejando enganar, amam-na quando ela se manifesta e odeiam-na quando os descobre. Porém a verdade castigá-los-á, denunciando todos os que não quiserem ser manifestados por ela. Mas nem por isso ela se lhes há de mostrar (AGOSTINHO, 2015, p. 263).

Ao se apegar às coisas sensíveis e mutáveis, o indivíduo engana-se ao pensar que aderiu à verdade. No entanto, perde-se em realidades efêmeras, libidinosas e vazias de sentindo para a alma. Quando os seres humanos não aderem à Verdade, acabam se apegando a uma vida de mentiras, e passam a amá-la de tal modo que erroneamente a confunde com a verdade e pensam encontrar nela a felicidade que tanto almejam.

Aqui nos recordamos do diálogo *De Beata Vita* quando Agostinho atesta que a vida feliz consiste na posse de algo que não pode ser perdido pelas vicissitudes da vida, isto é, não serão os bens materiais e os prazeres corpóreos que proporcionarão aos seres humanos a verdadeira felicidade, mas ao contrário, a felicidade encontra-se na posse de Deus, que é a sabedoria (AGOSTINHO, 1998, 10-11).

Sabendo-se que somente na posse da verdade é que se pode ser feliz, porque quem a encontrou, encontra a próprio Deus, faz-se necessário, delinear algumas considerações a respeito do que Agostinho idealiza sobre o próprio Deus, fonte da vida feliz. Logo, ao concluir um longo processo de investigação ele chega à conclusão de que Deus não é o céu nem a terra, nem corpo algum. Porém, ainda que não tenha uma definição, ele confessa que o ama. Mas, se questiona por isso: “Que amo então quando amo meu Deus? Quem é aquele que está acima da minha alma?” (AGOSTINHO, 2015, 10).

Embora Agostinho considere a fé enquanto condição primeira para alcançar as verdades reveladas, defende a necessidade de compreender o que se crê, porque considera que o entendimento proporciona o progresso espiritual necessário para a posse das verdades que vêm de Deus.

O próprio nosso Senhor, tanto por suas palavras quanto por seus atos, primeiramente exortou a crer àqueles a quem chamou à salvação. Mas em seguida, no momento de falar sobre esse dom precioso que havia de oferecer aos fiéis, ele não disse: ‘A vida eterna consiste em crer,’ mas sim: ‘A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, único Deus verdadeiro e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo’ (Jô 17,3). Depois disse àqueles que já eram crentes: ‘Procurai e encontrareis’ (Mt 7,7). Pois não se pode considerar como encontrado aquilo em que se acredita sem entender. E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender (AGOSTINHO. *O Livre-arbítrio* I: 2, 6).

Aliado ao anseio de possuir a verdade já aqui nesta vida, verdade nascida da tradição filosófica, Agostinho entende a necessidade de alcançar essa verdade perante o progresso espiritual e moral. Na verdade o que o filósofo medieval procurava era um bem que viesse

suprimir todas as suas necessidades da alma, concedendo-lhe paz, felicidade, retidão, senso de justiça e entrega total a Deus.

É a conversão de Agostinho ao neoplatonismo que lhe impulsiona a buscar a verdade eterna. O início desse caminho é narrado no capítulo VII das *Confissões*:

Em seguida, aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi-me ao coração, conduzido por Vós. Pude fazê-lo, porque Vós tornastes meu auxílio. Entrei, e, com aquela vista de minha alma, vi, acima dos meus olhos interiores e acima do meu espírito, a Luz imutável. Esta não era o brilho vulgar que é visível a todo o homem, nem era do mesmo gênero, embora fosse maior. Era como se brilhasse muito mais clara e abrangesse tudo com a sua grandeza.(...)  
Quem conhece a Verdade conhece a Luz Imutável, e quem a conhece, conhece a Eternidade. O Amor a conhece! Ó Verdade eterna, Amor verdadeiro, Eternidade adorável! Vós sois o meu Deus! (AGOSTINHO. *Confissões* VII: 10, 16).

O bispo de Hipona descobre que não precisava buscar fora, em coisas externas, quando a verdade estava no interior dele mesmo, a partir do olho do espírito, que também pode ser interpretado como o olho da inteligência. Apesar de ter fixado, única e exclusivamente, no fato dessa visão, sem se preocupar com a natureza desse olhar, Agostinho demonstra que mesmo a luz sendo vista internamente, está acima de nossas mentes. Tratando-se de um fenômeno transcendente ao espírito. Uma luz metafísica, incorporeal, imutável e espiritual, totalmente distinta daquela que os olhos corporais percebem sensivelmente. A luz que Agostinho se refere será a causa e o princípio revelador da verdade de todo e qualquer conhecimento.

Desta feita, perante a Luz, Agostinho se depara com uma realidade triádica fundamental: a Verdade, que é o Ser atingido pelo espírito, a Eternidade, característica intrínseca à Verdade e o Amor, ponto de partida ou movimento que impulsiona a alma em direção ao bem que representa a Verdade eterna. Quando ele associa as realidades interligadas, acredita-se que não se pretendeu fazer um jogo de retórica, mas ressaltar o grau de relações recíprocas entre elas e, conseqüentemente, a profundidade dessa revelação.

### **3.3 A felicidade e a busca da verdade**

Retirado em Cassiciaco, depois de sua conversão, Agostinho escreve, dentre outras obras, *Solilóquios*. Nesta obra, o autor segue o formato de um colóquio, delineando perguntas e respostas, entretanto estabelece um diálogo consigo mesmo, onde sua razão faz o papel de

instrutor, e ele o de discípulo. O tema norteador de *Solilóquios* é a busca de Deus e da verdade, como descreve o trecho abaixo.

Eu te invoco, Deus Verdade, em quem, por quem e mediante quem é verdadeiro tudo o que é verdadeiro. Deus Sabedoria, em quem, por quem e mediante quem têm sabedoria todos os que sabem. Deus, verdadeira e suprema Vida, em quem, por quem e mediante quem tem vida tudo o que goza de vida verdadeira e plena. Deus felicidade, em quem, por quem e mediante quem são felizes todos os seres que gozam de felicidade. Deus Bondade e Beleza, em quem por quem e mediante quem é bom e belo tudo o que tem bondade e beleza. Deus luz inteligível, em quem, por quem e mediante quem tem brilho inteligível tudo o que brilha com inteligência. [...] Deus, de quem separar-se significa cair, a quem retornar significa ser firme. Deus de quem afastar-se é morrer, ao qual voltar é reviver. [...] Deus, por quem não servimos aos elementos covardes e miseráveis. Deus, que nos purificas e nos prepara para os prêmios divinos, chega-te a mim com benevolência (*Sol.*, I, 1, 3).

A prece erigida acima, no início do diálogo, retrata o quanto Agostinho estava a pensar sobre o bem que deveria buscar, assim como sobre o mal que deveria evitar e, motivado pela razão, realizou tal oração. Agostinho estava constantemente ruminando acerca de como deveria caminhar rumo à verdade. Nesse itinerário, era comum que recorresse constantemente à razão para compreender os acontecimentos em seu interior e à sua volta, assim, após longo momento de reflexão sobre o que estava a procurar, o pensador medieval chega à seguinte conclusão: “Desejo conhecer a Deus e a alma” (*Sol.*, I, 2, 7). A conclusão que Agostinho empreende é resultante do reconhecimento de que somente em Deus se encontra a verdade que se busca.

A empreitada agostiniana de conhecer a verdade reconhece a existência de outro tipo de conhecimento, o qual não deriva somente da razão e dos sentidos, no caso, o conhecimento de Deus. Para que a alma alcance tal conhecimento o próprio Agostinho elenca três elementos que precisam ser levados em consideração para poder se entender Deus, a saber:

O olhar da alma é a razão. Mas como não se segue que todo aquele que olha vê, o olhar correto e perfeito, isto é, ao qual segue o ato de ver, se chama virtude: a virtude é, então, a razão correta e perfeita. Entretanto, o mesmo olhar não pode voltar os olhos, mesmo já são, para a luz, se não houver essas três coisas: a fé pela qual, voltando o olhar ao objeto e vendo-o, se torne feliz; a esperança pela qual, se bem olhar, pressupõe que o verá; e o amor pelo qual deseja ver e ter prazer nisso. Já ao olhar segue a própria visão de Deus que é o fim do olhar, não porque já deixe de existir, mas porque já não há nada a aspirar. Esta é verdadeiramente a perfeita virtude, a razão atingindo seu fim, seguindo-se feliz. A própria visão é o entendimento existente na alma, que consiste do sujeito inteligente e do objeto que se conhece; como ocorre com a visão dos olhos, que consiste do mesmo sentido e do objeto que se vê. Faltando um dos dois não se pode ver (*Sol.*, I,6,13).

Os elementos apontados por Agostinho (fé, esperança e amor) são como que o tripé de sustentação para que o ser humano chegue à contemplação de Deus e sem essa base a investigação tende a fracassar.

Para o bispo de Hipona, Deus é a verdade imutável, Ele é o grande Criador, autor do mundo enquanto um ato de benevolência, cuja afeição é inquestionável. Deus é também o autor do tempo. É o inventor da vida, que é experimentada do início ao fim, sendo o início a criação, o meio é a vida terrena e o fim é o *télos* em Deus, é o reino de Deus (AGOSTINHO, 2004).

É preciso atentar que, Agostinho apontou um caminho que nos permite ver a Deus, no entanto, ver não implica necessariamente o conhecer. Nesse sentido, ele apresenta a sua teoria da iluminação enquanto condição eficaz para o perfeito conhecimento de Deus. Vejamos:

Como no sol podem-se notar três coisas: que existe, que brilha e que ilumina, assim também no secretíssimo Deus, a quem tu desejas compreender, devem-se considerar três coisas: que existe, que é conhecido e que faz com que as demais coisas sejam entendidas. Ouso ensinar-te duas coisas, isto é, conhece-te a ti mesmo e a Deus (*Sol.*, I, 8,15).

A teoria da iluminação encaminha não somente para a compreensão do problema da felicidade, mas sobretudo para a compreensão da obra agostiniana. Quando Agostinho argumenta que o conhecimento de Deus não depende unicamente da razão nem dos sentidos, e nem tampouco de ambos simultaneamente, atesta a existência de um limite epistemológico do conhecimento humano. “Segue a isso que, para o homem conhecer a Deus, faz-se necessário que Ele supra essa nossa deficiência incluindo no caminho ao perfeito conhecimento da verdade as suas luzes” (OLIVEIRA, 2013, 75).

Ainda neste caminho em busca de Deus enquanto verdade revelada, merece relevo o elemento da recomendação de que o conhecimento de Deus precisa ser antecedido pelo autoconhecimento. Até porque nos escritos agostinianos é notório que o conhecimento de si é a condição necessária para o conhecimento de Deus, o que implicará a posse da vida feliz. Logo, sem o autoconhecimento, torna-se vã toda busca.

Portanto, diante de tudo o que fora exposto até aqui, parece-nos possível concluir que a questão da relação da vida feliz com a verdade encontra-se tão imbricada a ponto de que a procura por uma implicará a procura pela outra. Isto é, se Deus é a verdade e se eu só sou feliz quando encontro Deus, logo para ser feliz preciso buscar a verdade

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso desta pesquisa, estivemos empenhados em compreender a relação felicidade e verdade na obra agostiniana. Para alcançarmos este movimento iniciamos por mostrar como o itinerário intelectual e pessoal de Agostinho reflete uma busca pela felicidade e procuramos ainda, examinar a origem neoplatônica da noção de felicidade em sua obra. Em seguida, aprofundamos a concepção de felicidade em Agostinho a partir do texto *Sobre a Vida Feliz*. E, finalmente, procuramos relacionar a felicidade com a verdade.

O acesso a literatura agostiniana que fundamenta a sua compreensão sobre a relação felicidade e verdade nos possibilitou um entendimento mais amplo acerca do contexto de vida do próprio autor e de que modo se estabeleceu a sua procura pela vida feliz. Partindo da obra *De Beata Vita*, a compreensão de felicidade foi situada e analisada, permitindo-nos acessar às contribuições filosóficas que foram tecidas acerca da temática em tela. Ademais, identificar e reconhecer no pensamento agostiniano a relação felicidade e verdade nos trouxe o entendimento de que será sempre um ganho ao falar dessa temática de modo articulado.

Em relação a caracterização do conceito de felicidade para Agostinho, entendemos que, o cerne de sua questão é a busca pela vida feliz que só se efetivará quando encontrado a verdade eterna que é o próprio Deus. A própria associação entre felicidade e verdade já atenta para essa necessidade de se pensar a busca por uma felicidade que não passa, não ilude, não engana, mas nos leva ao conhecimento do Sumo Bem. Isto é, a compreensão do conceito de felicidade no entendimento de Santo Agostinho não se refere unicamente a uma questão semântica, mas a um projeto de vida que emerge das inquietações interiores do próprio autor, compreendendo a busca da felicidade enquanto projeto de conhecimento de Deus e da própria alma.

Ao longo da investigação percebemos que para compreender bem a noção agostiniana de vida feliz seria pertinente abordar a concepção antropológica que está na base de sua reflexão. Pois, influenciado pelo neoplatonismo, Agostinho define o ser humano como composto de corpo e alma, afirmando ser a alma superior ao corpo, mesmo não nutrindo um olhar negativo para o corpo.

Por esse motivo, Agostinho se afasta dos desejos do corpo (enganosos) e prefere se orientar pelos desejos da alma, nutridos por sabedoria e razão. Vimos que, na verdade, Agostinho estava à procura de um bem que viesse suprimir todas as suas necessidades da alma, concedendo-lhe paz, felicidade, retidão, senso de justiça e entrega total a Deus.

Concluimos que Agostinho não só idealizou um caminho em busca da felicidade, mas experimentou-o ao longo de sua vida. A existência inquieta desse autor o fez caçador dele



mesmo, seja antes ou pós-convertido, Agostinho permitiu-se interpelar, questionar em busca do sentido para a sua existência e só repousou quando encontrou Deus na interioridade do seu ser. Portanto, a busca evidenciada por Agostinho em direção a uma vida feliz culminou com o encontro com a verdade, isto é, a razão de toda a sua existência, Deus!

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- AGOSTINHO, Santo. *A vida feliz: diálogo filosófico*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993.
- AGOSTINHO, SANTO. *Solilóquios: A vida feliz*. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Trad. de Maria Luiza Jardim Amarante. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. 4. ed. Trad. org. introd. e notas de Nair de Assis Oliveira. Rev. de H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção Patrística, n. 8)
- ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro: M.E.C., 1967.
- ARENDT, HANNAH. *O conceito do Amor em Santo Agostinho*. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- BEIERWALTES, W. *Regio beatitudinis: Augustine's Concept oh Happines*. Villanova University Press, Trad. Dion Dari Macedo, 1981.
- BROWN, Peter. *Santo Agostinho – Uma biografia*. 3ª ed. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2005.
- COSTA, Marcos Nunes Roberto. *Santo Agostinho um gênio intelectual a serviço da fé*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. *10 Lições sobre Santo Agostinho*. 2ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Vozes, 2012.
- CRUBELLATE , João Marcelo . O itinerário da vontade na antropologia de Santo Agostinho. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences* Maringá, v. 33, n. 2, p. 173-178, 2011.
- DUROZOI, G. e ROUSSEL, A. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.76
- FRANGIOTTO, Roque. Introdução. In: AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios: A vida feliz*. 3. ed. Trad., introd. e notas de Adaury Fiorotti, Nair de Assis Oliveira e Roque Frangiotti. Rev. de H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2007. p. 111.
- GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*. Tradução de

Cristiane Negreiros Ayoub. São Paulo: Discurso editorial; Paulus, 2006.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LOPES, Daniel R. N. *Górgias de Platão*. Tradução, ensaio introdutório e notas. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2011

MORA, J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. *Santo Agostinho: a busca da verdade e a descoberta da felicidade*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Filosofia. – Recife: UFPE, 2013.  
113 f.

OLIVEIRA, Marcos de. Liberdade e graça no pensamento de Agostinho. Discernindo - *Revista Teológica Discente da Metodista*. 35 v.2, n.2, p. 35-52, jan. dez. 2014.

PASTOR, Felix Alexandre. *Deus e a felicidade: filosofia e religião em Agostinho de Hipona*. Síntese Nova Fase, v. 20, n. 63, p. 617-637, out./dez 1993.

Platão. *Fédon*. Tradução Jorge Paleikat e João Cruz Costa: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores, 1979.

SANGALLI, I. J. *O fim último do homem: Da eudaimonia aristotélica à beatitudo agostiniana*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SANGALLI, Idalgo José. A beatitudo como bem supremo em Agostinho. In: STEIN, Ernildo (Org.). *A cidade de Deus e a cidade dos homens de Agostinho a Vico – Festschrift para Luís Alberto de Boni*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

SOUZA, José Zacarias. *Agostinho buscador inquieto da verdade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.